

Gaza ainda num limbo entre a guerra e a paz

Passou um mês desde que Donald Trump prometeu a paz num discurso no Knesset

Maria João Guimarães

Há um acordo de cessar-fogo, mas os ataques e as mortes não acabaram. Já pode entrar mais ajuda humanitária, mas ainda não é suficiente para acabar a fome. As forças israelitas recuaram, mas ocupam ainda mais de metade da Faixa de Gaza.

Um mês depois de Donald Trump ir ao Knesset (Parlamento de Israel) declarar não só o fim da guerra (o cessar-fogo estava em vigor já três dias antes) mas até que tinha começado uma era de paz, a situação no terreno continua difícil. Esta semana, no mesmo Knesset, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, declarou: “A guerra ainda não acabou.”

Segundo uma análise da emissora pan-árabe Al-Jazeera, em 31 dias, houve 25 em que se registaram ataques israelitas (na maioria, Israel diz que se tratou de disparos contra pessoas que passaram a “linha amarela” para a parte que controla ou acções para impedir ataques iminentes) e, segundo o Ministério da Saúde de Gaza, morreram pelo menos 242 palestinianos em ataques israelitas.

O porta-voz israelita militar de Israel Nadav Shoshani disse, numa visita da BBC a uma parte que controla no território, que “quase todos os dias” combate o Hamas ao longo da linha divisória agora conhecida

como a “linha amarela” (parte está marcada com blocos de betão amarelo, partes não). Israel diz que membros do Hamas levaram a cabo dois ataques contra as suas forças, em que morreram três militares.

Uma palavra para definir o que se passa na Faixa de Gaza repete-se: limbo. O território está num limbo.

O aviso foi feito por um alto-responsável do Qatar, Majed al-Ansari, conselheiro do chefe do Governo e porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros: há um risco de Gaza se eternizar numa situação que não é “nem guerra nem paz”.

Para o responsável qatari, era importante que fosse agilizada a força internacional que asseguraria a estabilidade no território. Os Estados Unidos estão a alterar um rascunho de uma resolução no Conselho de Segurança (CS) da ONU para essa força, dizendo estar a incorporar sugestões de alterações de vários países.

No entanto, o diário norte-americano *The New York Times* descreve um processo de discussão com os países membros do CS em que o embaixador Michael Waltz disse que a escolha era entre a aprovação do plano ou o regresso à guerra na Faixa de Gaza.

Citando sete fontes com conhecimento das conversações, alguns países, em especial aqueles que poderiam participar na força internacional, esperavam que a resolu-

ção pudesse trazer clarificação de várias questões deixadas em termos vagos no plano de Trump. E, segundo o *New York Times*, uma das grandes ambiguidades é sobre a questão-chave de como desmilitarizar a Faixa de Gaza.

Países como os Emirados Árabes Unidos já disseram que não se juntarão a uma força enquanto não houver um “quadro claro” para a sua operação, e o Azerbaijão disse que só participaria na força depois do fim total dos combates. Eram dois países enumerados quando se falava de uma potencial participação na força.

A discussão tem ainda estado muito centrada numa potencial integração de forças turcas na missão, algo desejado por Ancara com algum apoio dos Estados Unidos, mas a que Israel tem feito uma forte oposição.

Uma versão revista tendo em conta algumas propostas terá entretanto uma referência à iniciativa saudita e francesa para um Estado palestiniano, a exigência que as forças israelitas recuem para um perímetro de segurança na Faixa de Gaza (e não ocupem mais território do que isso), e que sejam enviados relatórios sobre as operações da força internacional de estabilização ao Conselho de Segurança, segundo o diário *Haaretz*.

Há ainda a questão dos combatentes do Hamas em túneis na parte da Faixa de Gaza que Israel ainda ocupa e que estiveram na base dos inci-

A superlua nasce por detrás de edifícios destruídos, em plena trégua entre Israel e o Hamas



“
Mais uma vez, os EUA e Israel tornaram-se os decisores finais sobre a vida palestiniana em Gaza e na Cisjordânia

Sara Roy
Universidade de Harvard

dentos em que morreram os três militares israelitas.

Partidos do Governo de Israel estão a opor-se fortemente a que lhes seja permitido passar – depois de entregar as armas – para a parte da Faixa de Gaza sob controlo do Hamas, com os Estados Unidos a fazerem pressão para que lhes seja dada passagem.

Por outro lado, os Estados Unidos tentaram apresentar o caso como tendo potencial para ser uma base para um futuro desarmamento do movimento – que este recusa.

Divisão em dois

Enquanto isso, teme-se que o plano não saia sequer da primeira fase, o que levaria a uma divisão da Faixa de Gaza, que já era o território com maior densidade populacional do mundo, em praticamente duas metades.

Na terça-feira, a agência Reuters citava seis fontes da União Europeia dizendo que os esforços para concretizar a segunda parte do plano estavam demorados e que parecia cada vez mais provável que a reconstrução se fizesse apenas na parte de Gaza controlada pelo Exército de Israel.

O Hamas, que estará firmemente no controlo na parte não ocupada por Israel, também poderá ter interesse em adiar a fase dois, em que poderia ser confrontado com a exigência de desarmar, o que recusa.

Durante este mês, o movimento tem devolvido a conta gotas os restos



mortais de 28 reféns, o que se poderá também dever a razões de ordem prática, como não ter equipamento para retirar de escombros de locais bombardeados por Israel, ou por estes estarem na parte ainda controlada por Israel.

Mas o movimento fez uma enenação de descoberta de um corpo, filmada por drones israelitas, o que levou a uma rara condenação forte da Cruz Vermelha, que coordena as trocas e devoluções de corpos. Neste momento, falta devolver quatro corpos de reféns: três israelitas e um tailandês (três civis mortos no ataque ao *kibbutz* Beeri e um polícia morto em combates com o Hamas no *kibbutz* Alumim).

A ideia dos EUA, segundo várias fontes, poderá passar por reconstruir e trazer desenvolvimento económico a apenas essa parte da Faixa de Gaza, permitindo depois a passagem a civis que quisessem beneficiar dessa vantagem.

A revista norte-americana *The Atlantic* foi o mais recente órgão de comunicação social a falar deste plano – que estará a enfrentar resistência da parte de países europeus, árabes e muçulmanos –, dizendo que prevê a criação do que responsáveis dos EUA chamam “comunidades alternativas seguras” na parte controlada por Israel.

Estas comunidades, diz a *Atlantic*, teriam habitação temporária para cerca de 25 mil pessoas, um centro

médico, uma escola e um edifício administrativo.

Apenas palestinianos sujeitos a uma verificação para assegurar que não têm ligações ao Hamas e “aprovados pelo serviço de segurança [interna de Israel] Shin Bet” teriam acesso, diz a *Atlantic*.

No entanto, este plano parece esquecer o forte apego de muitos palestinianos de Gaza (onde a percentagem de refugiados da Nakba, na altura da criação do Estado de Israel, e seus descendentes é de quase 70%) às suas casas e cidades e terras (e ainda ao facto de o território não ter terrenos livres: a esmagadora maioria é propriedade privada). Muitas pessoas regressaram, mal puderam, às suas casas e bairros, mesmo que tenham apenas tendas erguidas sobre escombros ou ao lado.

Há, além disso, uma enorme desconfiança em relação a forças que levaram a cabo uma matança considerada genocídio por cada vez mais instituições (ONG incluindo israelitas, académicos do campo, especialistas da ONU) e destruíram o território de modo sistemático.

Numa intervenção na semana passada na apresentação do Observatório de Estudos da Palestina (Opal) no Iscte, em Lisboa, Sara Roy, da Universidade de Harvard, criticou a ideia comum a muitos planos sobre Gaza que “variam no seu conteúdo mas partilham um objectivo fundamental: pacificar os habitantes de Gaza usando cooptação económica ou mesmo coerção”.

Num artigo na *New York Review of Books*, Roy contou que ao ler o plano de 20 pontos de Trump teve a mesma sensação que ao ler os Acordos de Oslo há mais de 30 anos: “Mais uma vez, os EUA e Israel tornaram-se os decisores finais sobre a vida palestiniana em Gaza e na Cisjordânia, mais uma vez a libertação palestiniana da ocupação israelita perde importância em comparação com a segurança israelita contra a violência palestiniana ou, na verdade, contra as formas de resistência a que os palestinianos têm direito ao abrigo do direito internacional; mais uma vez, um suposto ‘plano de paz’ descreve apenas a continuação da ocupação sob uma forma diferente.”

A população palestiniana da Faixa de Gaza, sujeita a um bloqueio há mais de 18 anos e a esta guerra desde os ataques do Hamas contra Israel a 7 de Outubro, vive a vida com base na indefinição e na transição. Sara Roy diz como muitas das pessoas em Gaza “partem do princípio de que o futuro só traria maior sofrimento do que o presente”. Como uma pessoa amiga lhe disse há mais de dois anos, antes de tudo se transformar de um modo impenável, não só “é um crime pensar que as coisas [podem] melhorar”, é “um crime até pensar que as coisas podem ficar como estão”.



Um mês de cessar-fogo
Gaza ainda num limbo
entre a guerra e a paz

Destaque, 2/3